

# **ABRIR OS SALMOS: as poéticas de Deus**

## I Jornada de Estudos Bíblicos – Teologia e usos

### SALMOS: GÉNESE E CONTEXTO

Luísa Almendra

- 
- 1. Lugar singular do Livro dos salmos no conjunto da Revelação bíblica.**
  - 2. Génese e formação do Livro dos Salmos: leituras clássicas.**
  - 3. O Livro dos Salmos no contexto dos estudos mais recentes**
  - 4. A noção de louvor: Séfer T<sup>e</sup>hillîm**
  - 5. Perenidade e atualização (a citação dos salmos no NT)**
- 

#### **1. Lugar singular do Livro dos salmos no conjunto da Revelação bíblica.**

O livro dos Salmos é, no seu conjunto, um dos livros mais interessantes do AT e é talvez aquele que mais terá influenciado a piedade cristã. Desde os escritos homiléticos, exegéticos ou espirituais que herdámos dos primeiros séculos até aos comentários bíblicos dos nossos dias nenhum livro bíblico foi tão citado e explicado.

Os salmos constituem a resposta direta do ser humano à palavra e à ação de Deus na História. **Diante da ação salvífica de Deus, Israel não ficou mudo.** Pelo contrário, dirigiu-se a Yhwh, para o louvar, agradecer e suplicar, através de um diálogo vivo, por vezes até dramático.

Os salmos são isto mesmo, a fixação por escrito deste movimento de diálogo, procura e resposta de Israel. Neste sentido, eles permitem entrever que **o Deus da revelação Bíblica é, não só um Deus que fala, mas também um Deus a quem se pode falar: é um Deus de relação** (cf. Sl 115).

Quer o TM (versão hebraica) quer a LXX (versão grega) colocaram o livro dos Salmos no início da terceira parte dos livros sagrados (Torah - N<sup>e</sup>bi'îm - K<sup>e</sup>tûbîm);

antes dos livros de Provérbios, Job, Qohelet. Ao atribuir-lhe este lugar, os compiladores e editores parecem querer sugerir a importância que atribuíam este livro.

Considerados na sua dimensão dialógica, os salmos exprimem, sob todas as formas possíveis, a atitude que caracteriza o ser humano bíblico do AT: a dimensão de procura, de encontro, de lamento, de louvor, de súplica, de alegria, evocando os mais variados acontecimentos históricos e os eixos principais da reflexão sapiencial.

A designação de Livro dos Salmos é uma transliteração do termo grego **yalmoj** que indica um canto acompanhado por um instrumento, vulgarmente chamado de **yalte,rion**. Por isso, quando a LXX atribui a este livro o nome de Livro dos Salmos incide sob a forma do texto: trata-se de cantos que são recitados ou cantados com um instrumento musical.

Em hebraico, este livro é chamado de **Sēfer T<sup>e</sup>hillīm** (ִּלְהַלְלִים); um nome que deriva da raiz hll (llh), que na conjugação verbal hebraica de piel *halleh* (llEh:), no infinito, significa «louvar»; uma forma que, no imperativo plural, deu origem a tão conhecida expressão hebraica: *hy wllEh: / louvai a Deus* cf. Sl 150,1). **Isto significa que esta coleção de textos deve entender-se, essencialmente, como um louvor; e este como uma atitude em relação a Deus.** Enquanto o nome grego incide sob a forma, o nome hebraico detém-se no conteúdo e no sentido como estes textos eram pronunciados: numa atitude de louvor. O tempo impôs a esta coleção o nome grego que, tendo mais em consideração o modo como podiam ser lidos estes textos (canto), deixou perder a riqueza dada pelo nome hebraico: 'louvores'.

O Saltério é formado por um conjunto de 150 salmos, embora a versão grega dos LXX proponha mais um (151) que não admitido como canónico. A divisão proposta pelos LXX e pelo TM também não é idêntica, motivo pelo qual existe uma numeração diferente. Nas bíblias modernas, normalmente, dá-se a numeração hebraica e acrescenta-se entre parêntesis a numeração grega.

## **2. Génese e formação do Livro dos Salmos: leituras clássicas.**

Não é fácil estabelecer uma época única de redação, nem para o conjunto dos salmos, nem para cada um individualmente. Certamente, a coleção dos salmos já estaria 'canonizada' e traduzida em grego antes do ano 132 a.C., uma

vez que o neto de Ben Sirà alude a existência de uma tradução grega, que incluía a 'Lei, Profetas, e outros Escritos'. Quanto ao início da formação desta coleção, não se dúvida de que alguns salmos ou partes de salmos remontem ao tempo da monarquia.<sup>1</sup>

De qualquer modo **é impossível datar a maioria dos salmos**; à ausência de alusões cronológicas junta-se o facto de **muitos deles não terem sido compostos de uma vez, nem por uma só mão. Todos os Salmos são fruto de sucessivas leituras**. Os últimos vestígios destas leituras transparecem nas correções tardias, testemunhadas pela versão grega.<sup>2</sup> Na opinião da exegese moderna, a data dos salmos só pode ser vista de um ponto de vista muito amplo. Alguns salmos favorecem uma data mais precisa (SI 137 - Babilonia), outros, imbuídos por um lirismo pessoal, estimularam os Cronistas a situá-los no contexto histórico de David (SI 34). Não se exclui que muitos salmos ou alguns fragmentos, tenham a sua origem entre os grupos de cantores que acompanhavam os cultos cananeus, nomeadamente os hinos ao deus da tempestade (cf. SI 29,18,8-16), ao Deus-Sabaoth (Am 4,13), os hinos reais (SI 2,110).

A relação com o tempo da monarquia evoca uma tradição antiga que atribui a David a autoria dos Salmos. Esta tradição baseia-se no facto de 73 salmos serem introduzidos pela preposição hebraica *le* acompanhada do nome de David: ***le David* normalmente traduzida como «de David»**. Em 13 destes 73 salmos o texto chega mesmo a indicar em que circunstâncias David escreveu o salmo (cf. SI 3; 7; 18, 34; 51-52; 54; 56-57; 59-60; 63; 142). Atualmente, esta tradição tem sido objeto de uma reelaboração crítica. Defende-se, por exemplo, que a preposição *le* pode ser traduzida de outros modos: para, a respeito de, dedicado a ...traduções que não pretendem sugerir a autoria de David. Por outro lado, é possível que David possa ser usado sem ser como um nome próprio, mas como uma referência a dinastia davídica (cf. Ez 34,23-24; 37,24-25). Por isso, a expressão *le David* pode constituir apenas um meio de relacionar estes 73 salmos com a corte de David e mais propriamente com o Templo de Jerusalém, ou então com uma coleção especial de salmos.

---

<sup>1</sup> Na verdade, desde os tempos mais antigos da história de Israel até aos tempos de Cristo, se compuseram salmos (Cf. Jz 5; Dt 32; 1Sm 2; 2Sm 22 = S118; Tb 13; Jt 16,2-21; Is 38 9-20; Dn 3 26 Jo 2; Lc 1, 46.66; 67-79).

<sup>2</sup> Note-se a título de exemplo: a versão grega prefere sempre usar o termo 'iniquidade' em vez de 'Belial', o de 'cólera' do que o de 'as narinas' (SI 18,5.9), 'o poder dos céus' do que 'o exercito dos céus' (SI 33,6). Desconhecendo alguns nomes próprios, transformam-nos em nomes comuns; 'Sua tenda esta em Salem' passa a 'o seu lugar e na paz' (SI 76,3); Meribá e Massá tomam-se 'a amargura e a provação' (SI 95,8). Terminando por impor a sua teologia: SI 17,15 '*Com a tua justiça eu verei a tua face; ao despertar, eu me saciarei com a tua imagem*' e traduzido por '*E eu, segundo a tua justiça, aparecerei diante de tua face, saciar-me-ei contemplando a tua glória*

O Saltério parece dividir-se em cinco livros, que terminam com uma doxologia (louvor) especial (SI 41,14; 72,18-20; 89,52; 106,48; 150). Os títulos que encabeçam quase todos os salmos indicam: o gênero de composição (salmos, cânticos...); o pormenor musical (instrumentos ou o tom musical) e as circunstâncias históricas (SI 3; 7; 18; 34; 51).<sup>3</sup> Tudo indica que por detrás destes 5 livros está um trabalho de fusão de diversas coleções de cantos e orações. Comprova-o, as inúmeras repetições e duplicados. Por exemplo: SI 4 encontra-se no SI 53; o SI 70 reproduz o SI 40,14-18; e no SI 108 justapõem-se ao SI 57,8-12 e 60,7-14. Os próprios títulos revelam, também, a existência de coleções

*Os títulos que encabeçam quase todos os Salmos indicam:*

- O gênero de composição: salmos (mizemor) 57x; cânticos (shTr) 30x; salmo sapiencial (maskil)13x; salmo a meia voz (miktam) 6x; salmo de oração (tefillah) 5x; salmo-hino (tehillah) SI 145.
- Pormenor musical: instrumentos de acompanhamento, o tom musical (SI 6; 12; 46); a melodia a utilizar (SI 57-59; 75)...
- O uso litúrgico: cântico das subidas (SI 120-134).
- Ou dados e circunstâncias históricas: SI 3; 7; 18; 34; 51; 52; 54...

Tudo isto sublinha, que as notas introdutivas que acompanham os Salmos não são glosas eruditas destinadas a informar os eventuais leitores sobre o gênero literário, o autor ou as circunstâncias de cada poema. Elas referem-se todas ao uso litúrgico do Salmo e indicam ao cantor, quem foi aquele que o executou em primeiro lugar e em que circunstâncias.

### 3. O Livro dos Salmos no contexto dos estudos mais recentes

#### a. Questões em debate...

Na verdade, os salmos **expõem-nos palavras de uma humanidade profunda**, de confiança e de até mesmo de cólera, de louvor e de sabedoria, transbordando a própria vida e experiência daqueles que os escrevem. Eles não expõem teorias nem pretendem provar nada. Dirigindo-se ao Deus de Israel, eles tentam balbuciar a experiência pessoal e coletiva, onde se atravessam sofrimento e felicidade, mas também a memória, desejo e esperança.

---

<sup>3</sup> Existe uma tendência a estabelecer uma relação entre estes 5 livros e os 5 livros escritos por Moisés [cf. A. ARENS, *Die Psalmen in Gottesdienst des alten Bundes*, Treves 1961].

Tratam-se de palavras enraizadas num real concreto da vida de Israel: a alegria das colheitas; a felicidade de uma vida em segurança, a humilhação do exílio da Babilónia, o medo da perseguição...**é este enraizamento exterior e interior que abre estes poemas a uma expressão universal.** Das suas palavras o que emerge é o drama da humanidade na sua polifonia de sentimentos; o drama do Israel da época bíblica, mas também o dos nossos dias e o de sempre. O poder literário destes textos impressiona, assim como a sua densidade humana.

Por isso, o Livro dos Salmos é um livro que reclama uma compreensão e uma descoberta da **uma lógica própria.** A questão importante dos géneros literários, que durante muito tempo dominou o estudo deste Livro e de cada Salmo, reconhece que **as fronteiras entre os grandes géneros literários** (hinos, súplicas, ação de graças...) são muito porosas, lutando por uma atenção maior à distinção entre oração e reflexão.

Para além de uma simples recolha de 150 salmos, existe **uma obra que contém uma consistência própria.** Não se trata de uma simples recolha de orações poéticas, justapostas indiferentemente, umas ao lado das outras. Existe uma coerência, a ser descoberta nos meandros de um projeto teológico. Não é por acaso que, ao lermos o início (Sl 1-2) e o final do Saltério (Sl 148-150), encontramos uma linha de coerência que parece atravessar todo o livro; uma linha presidida pela afirmação de um mundo onde, sob o olhar de um Deus de vida, o ser humano se encontra numa disputa com o mal; quer se trate de vítimas quer de espectadores...<sup>4</sup>

## **Sl 1 – O Louvor e o único caminho**

Não é por acaso que o Sl 1 abre o Livro dos Salmos. Trata-se de um poema onde se opõe o justo aos pecadores; um campo de oposição transversal a todo o livro. Os especialistas discutem bastante o género literário deste primeiro salmo. Muitos colocam-no entre os salmos didáticos ou sapienciais, composto por sábios em função de uma instrução privada ou de uma utilização cultural.

Porém, estes autores não esquecem que este poema evoca, também, um louvor à Revelação de Deus, como um caminho de vida. Para um grupo alargado de autores, este Sl 1 escapa a qualquer classificação, na medida em que ele terá sido composto para servir de pórtico de entrada a todo o Livro.

A menção explícita a um julgamento futuro não esconde o fato de que no presente tudo está ainda misturado, obscuro, ambíguo e que nesta realidade

---

<sup>4</sup> Cf. P. BOVATI – R. MEYNET, *Ouvrir les Écritures* (LD 162 ; paris 1995) 151-176.

complexa, tudo ainda está em jogo. O ser humano que medita na Lei pode ainda deter-se no caminho dos pecadores, e os pecadores podem ainda repreender o caminho da Lei. No presente, nada está decidido, porque é ali que tudo se decide. Hoje é o tempo da decisão que implica o amanhã. É por isso que este Sl 1 se torna um convite a optar pelo caminho proposto pela Lei.

É todo o universo bíblico – a lei, profetas e sabedoria – que se coloca no pórtico de entrada do Livro dos Louvores.

Do mesmo modo, o final do saltério (Sl 148-150) canta o desejo de um mundo onde tudo não será senão louvor. O anúncio é lançado através de um convite intenso entrar nele para o construir. **O louvor do universo** e especialmente da terra culmina em Israel (Sl 148). O louvor celebra e integra, ainda, uma vitória do Senhor, manifesta no favor que Deus concede a Israel. Não estamos longe do Livro do Apocalipse, onde as lutas das forças contra o mal desembocam numa vitória final, que se expande num puro louvor na Jerusalém celeste (Ap 20,1-2).

**O início do Saltério** (Sl 1) estabelece uma tensão para a qual prevê uma resolução... Coloca-se em cena os atores do drama: face ao Senhor de um lado está o ser humano justo que se liga á Lei do senhor, figura de Israel e messias e de um outro os pecadores, as nações e os seus reis.

**No final**, reencontramos os mesmos atores, porém desta vez no termo de uma luta descrita inicialmente. Anuncia-se o desfecho, com a vitória definitiva das forças do male dos seus atores; vitória que permite o eclodir do louvor ao qual cada um é convidado.

**De um salmo a outro, permanece um combate; uma luta e um confronto entre bem e mal; vida e morte, onde o ser humano que medita na Lei passa da súplica ao louvor...**

## **SL 148 - LOUVAI A DEUS, CÉUS E TERRA**

## **SL 149 - O LOUVOR DE ISRAEL E A VITÓRIA SOBRE O MAL**

## **SL 150 - O LOUVOR PURO**

Ao contrário do que alguns defendem, a beleza e a riqueza deste Livro não desmoronam perante o que muitos consideram a maior dificuldade deste livro: a **violência** que emerge de muitas das palavras ou sentimentos... presente na memória das vitórias sobre os inimigos, ou do desejo de morte de todos os adversários. Estas expressões de violência que podem chocar, qualquer ser humano sensível aos valores humanos fundamentais, necessitam um enquadramento textual onde elas são **um testemunho de um Deus que toma posição em favor do oprimido**. Elas oferecem, igualmente, uma oportunidade

ao leitor, que transporta dentro de si a sua própria violência, de a expressar com palavras, que em última instância entregam nas mãos de Deus o desejo da superação ou da vitória sobre o mal.

Nos últimos 30 anos, o olhar da exegese sobre a Bíblia em geral e sobre este Livro dos Salmos em particular, deslocou-se do ponto de vista histórico, para o da crítica literária. Sem abandonar as grandes questões clássicas (sobre o autor e a sua intencionalidade...), o foco hoje é o de descobrir o modo como o leitor recebe o texto e lhe dá um sentido. Neste contexto novo, emergem perguntas sobre qual é a unidade do Livro dos salmos – que não se reduz, de modo algum, a um aglomerado de peças independentes, mas como um Livro; como é que os títulos dos diferentes salmos são um convite a compreender os próprios salmos; como é que este tipo de texto bíblico afeta aqueles que o leem?

b. Alguns contributos recentes mais relevantes.

Valorização de uma distinção elementar entre os salmos que se dirigem a um “tu” Deus e se apresentam como **orações** e os salmos em que esta dimensão está, praticamente, ausente ou apenas implícita, numa **reflexão** que o autor do salmo faz para si mesmo ou aos seus destinatários (SI 1), sem mencionar um auditório específico.

Este aspeto é crucial do ponto de vista formal: ele toca a forma gramatical e o objetivo do texto. Ao lado de orações, podemos colocar todas as súplicas e cantos de louvor. Ao lado dos salmos de reflexão estão, certamente, os salmos ditos sapienciais ou didáticos (SI 1), mas também os salmos reais (SI 2) ou os cânticos de Sião (SI 46). Porém, conscientes de que existem as formas intermediárias, onde o louvor assume a forma de um convite, onde o salmista não se dirige a Deus, mas a outros (SI 95 e 96).

O esforço atual de leitura literária conjunta de todo o livro dos Salmos, percebe que não é inteligente negar que existam diferentes-grandes famílias de salmos, onde se situa o esforço notável da *formgeschichte*. Porém, existe uma consciência mais clara de que os salmos são gritos que emergem da experiência humana profunda, de certo modo, impossível de reduzir-se a regras de géneros literários precisos.

Todos os salmos são diferentes. **Alguns propõem uma reflexão de sabedoria outros uma oração de louvor ou de súplica. Entre estas duas atitudes existe uma fluidez real, que retrata a complexidade do ser humano, que transporta no interior de si mesmo confiança e desconfiança; angústia e esperança, revolta e acolhimento, desejo de compreender o presente e vontade de construir o futuro; rejeição do outro que se presente como ameaça e desejo**

de viver a fraternidade. É precisamente, nesta complexidade e diversidade que o Livro dos salmos se torna um espelho, mais ou menos banal da experiência humana e que eles se assumem como universais.

#### 4. A noção de louvor: Sēfer T<sup>e</sup>hillîm

Raramente nos questionamos ou paramos diante da possibilidade que o Livro dos Salmos nos oferece, de redirmos um diálogo (pessoal ou coletivo), num tu-a-tu com Deus, que perdemos continuamente no paraíso onde Deus nos coloca e onde Deus é Deus e o ser humano, ser humano. O título hebraico do Livro dos Salmos (Tehilîm - Livro dos louvores) evoca esta dimensão dialógica, que pede uma compreensão semântica da linguística hebraica. O que é que Israel entende por Livro de Louvores – Louvor (noção de Tehilîm)?

Existe um percurso semântico que começa no momento crucial em que os filhos de Israel, conduzidos por Moisés, deixam o Egito, o país de opressão e escravidão. Perseguidos pelo exército do Faraó e diante do mar, perante a morte que os ameaçava pela frente e por detrás, gritam a Deus. Trata-se de **um primeiro grito de súplica**:

Ex 14,<sup>8</sup>O Senhor endureceu o coração do faraó, rei do Egito, e ele perseguiu os filhos de Israel, e os filhos de Israel saíram de mão erguida. <sup>9</sup>**Os egípcios perseguiram-nos e alcançaram-nos quando acampavam junto do mar**; todos os cavalos e carros de guerra do faraó, os seus cavaleiros e o seu exército estavam junto de Pi-Hairot, diante de Baal-Safon. <sup>10</sup>Quando o faraó se aproximou, os filhos de Israel ergueram os olhos, e eis que os egípcios acampavam atrás deles, e **os filhos de Israel tiveram muito medo e clamaram ao Senhor**.

<sup>11</sup>Disseram a Moisés: «Foi por falta de túmulos no Egito que nos trouxeste para morrermos no deserto? O que é isto que nos fizeste, fazendo-nos sair do Egito? <sup>12</sup>Não foi isto que te dissemos no Egito, quando dizíamos: ‘Deixa-nos! Queremos estar ao serviço do Egito, porque é melhor para nós servir o Egito do que morrer no deserto’?»

<sup>13</sup>Moisés disse ao povo: «Não tenhais medo. Permanecei firmes e vede a salvação que o Senhor fará para vós hoje. Pois vós vistes os egípcios hoje, mas nunca mais os tornareis a ver. <sup>14</sup>O Senhor combaterá por vós. E vós ficai tranquilos!»

Esta primeiro grito de súplica constitui o primeiro elemento da oração dos Salmos: **perante a situação radical, onde a morte é o único horizonte**, em que o medo paralisa, existe ainda uma possibilidade de viver: **voltar-se para Deus**. Porém, no momento em que Israel se volta, de novo, para Deus numa atitude de memória e reconhecimento, o grito torna-se louvor (Tehilîm). As palavras do Sl 77 e de Ex 15 já não se situam no mesmo nível de medo e grito de súplica de Ex 14. São um canto que faz memória e que se abre ao louvor, que emerge da experiência de uma vida que nasce de uma luta com a morte.

... <sup>12</sup>Tenho na memória os teus feitos, Senhor, lembro-me das tuas maravilhas de outrora.  
<sup>13</sup>Penso em todas as tuas obras, medito nos teus prodígios.  
<sup>14</sup>Ó Deus, os teus caminhos são santos. Que Deus haverá tão grande como Tu?  
<sup>15</sup>Tu és o Deus que realiza maravilhas, manifestaste entre as nações o teu poder.  
<sup>16</sup>Com a força do teu braço resgataste o teu povo, os descendentes de Jacob e de José.  
<sup>17</sup>Viram-te as águas, ó Deus, viram-te as águas e tremeram, e até os abismos se agitaram.  
<sup>18</sup>As nuvens transformaram-se em chuva; os trovões fizeram ouvir a sua voz, e as tuas setas surgiam de todos os lados.  
<sup>19</sup>O ruído do teu trovão ecoou nos ares e os relâmpagos iluminaram o mundo; a terra agitou-se e tremeu.  
<sup>20</sup>**O mar foi para ti um caminho;** caminhaste por entre águas caudalosas e ninguém descobriu as tuas pegadas.  
<sup>21</sup>**Conduziste o teu povo como um rebanho,** pela mão de Moisés e de Aarão.

<sup>1</sup>Então, Moisés cantou, e os filhos de Israel também, **este cântico ao Senhor**. Eles disseram:  
«Cantarei ao Senhor que é verdadeiramente grande: cavalo e cavaleiro lançou no mar.  
<sup>2</sup>Minha força e meu canto é o Senhor: Ele foi para mim a salvação. É este o meu Deus: glorificá-lo-ei; o Deus de meu pai: exaltá-lo-ei.  
<sup>3</sup> O Senhor é um guerreiro: Senhor é o seu nome.  
<sup>4</sup>Os carros de guerra do faraó e o seu exército Ele atirou ao mar; e os seus combatentes escolhidos foram afundados no Mar dos Juncos.  
<sup>5</sup>Cobrem-nos os abismos: desceram às profundezas como uma pedra.  
<sup>6</sup>A tua direita, Senhor, resplandeceu de força; a tua direita, Senhor,

Um breve olhar ao Sl 124 verificamos, também, a mesma compreensão: No final de uma experiência de libertação, Israel louva Yhwh, reconhecendo-o como aquele que é a sua vida e o seu Deus (v.1), criador do Céu e da Terra. No louvor que jorra da vida reencontrada, todos os leitores são convidados a fazer memória de uma salvação que Deus realizou na história humana.

Em síntese, a oração dos salmos é animada por um desejo de vida que é simultaneamente um desejo de Deus. Porém, “não poderemos ver a Deus sem morrer” (). Será necessário passar pela morte para ver que Deus está vivo? Este é o coração da boa nova da ressurreição de Jesus.

## Sl 124 (Experiência de Israel sob a forma de oração de louvor)

<sup>1</sup> Cântico das peregrinações. De David.

**Proteção**  
vv. 1-2

**Se o Senhor não estivesse do nosso lado**

– que o diga Israel –

<sup>2</sup> se o Senhor não estivesse do nosso lado,  
quando os homens se levantaram contra nós,

<sup>3</sup> ter-nos-iam engolido vivos  
quando a sua fúria ardia contra nós.

<sup>4</sup> As águas ter-nos-iam submergido,  
a torrente teria passado sobre nós.

<sup>5</sup> Então, sim, teriam passado sobre nós  
as águas turbulentas!

<sup>6</sup> Bendito seja o Senhor,  
que não nos entregou como presa nos seus  
dentes!

<sup>7</sup> A nossa vida escapou  
como um pássaro do laço de caçadores;  
rompeu-se o laço e nós libertámo-nos.

**Libertação**  
vv. 6b-7

<sup>8</sup> **O nosso auxílio está no nome do Senhor,  
que fez o céu e a terra.**

**Auxílio**  
v. 8

Ex 14,10 Quando o faraó se aproximou, os filhos de Israel ergueram os olhos, e eis que os egípcios acampavam atrás deles, e os filhos de Israel **tiveram muito medo e clamaram ao Senhor.**

Ex 15, 1 Então, **Moisés cantou, e os filhos de Israel também, este cântico ao Senhor.** Eles disseram: «Cantarei ao Senhor que é verdadeiramente grande: cavalo e cavaleiro lançou no mar.

## 5. Perenidade e atualização (a citação dos salmos no NT)

A universalidade de sentimentos, que evocamos, confere ao Livro de Salmos e a cada Salmo uma perenidade singular. Os padres da Igreja testemunham que:

*'... quem está aflito encontra nos salmos uma grande consolação; quem é tentado ou perseguido tira deles a força para resistir...'* (S. Atanásio).<sup>5</sup>

*“... Toda a teologia está contida nos salmos... O salmo é serenidade e paz para a alma; acalma e reprime a agitação e as paixões; é fonte de verdadeira caridade fraterna...”* (S. Basílio)<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> cf. S. ATANÁSIO, *Carta a Marcelino*, PG 27,12.

<sup>6</sup> Cf. S. BASÍLIO, PG 29, 209

O salmo é a bênção do povo, o louvor de Deus, a língua de todos, a voz da Igreja, a alegria da verdadeira liberdade, o grito de júbilo." (S. Ambrósio).<sup>7</sup>

"... Se o Salmo ora, oral vós, se geme, gemei também vós, se exulta, alegrai-vos; se espera, animai-vos de esperança; se tem, e temei com ele. Pois tudo o que aqui está escrito é nosso espelho..." (S. Agostinho)<sup>8</sup>.

"... A qualquer parte que te dirijas, o camponês ao arado canta o aleluia; o ceifeiro alivia a sua fadiga com os salmos; o vinhateiro, enquanto poda canta algo de David"(S: Jerónimo).

Porém, o orante dos salmos, hoje, não pode contentar-se com a repetição da experiência do salmista ou a fazer simplesmente um eco às palavras do poeta israelita. O orante de hoje serve-se das suas palavras para exprimir verbalmente a sua vida de fé e de relação com Deus. Rezar os salmos, não é fazer que eles provoquem em mim uma experiência semelhante à do salmista. Rezar os salmos hoje é deixar que a sua letra exprima a minha oração, os meus sentimentos, a minha vida diante de Deus; é rezá-los como se eu fosse o seu próprio autor, *porque eles constituem o primeiro balbuciar ao Deus bíblico*; como um movimento que leva a nossa vida com tudo o que ela tem, de belo e triste, para Deus.

---

<sup>7</sup> Cf. S. AMBROSIO, *Comentário aos salmos*, PL 14, 965.

<sup>8</sup> Cf. S. AGOSTINHO, *Narrationes in Psalmos*, PL 36, 248